



ASSOCIAÇÃO ANTONIO E MARCOS CAVANIS

Sede: Rua Visconde do Rio Branco, 01 (0**42) 232 5226 - Cx. Postal 25 – 84165-470 CASTRO - PR
Home page: www.cavanis.org.br – E-mail: falecom@cavanis.org.br

EDUQUE SEM VIOLÊNCIA

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Psicóloga; mestre e doutora em Psicologia pela USP; professora de desenvolvimento infantil da UFPR.

São onze horas da manhã e Cecília está com o almoço atrasado. A vizinha estava contando-lhe uma história triste e ela acabou perdendo a hora. Ela corre para a geladeira e abre a porta com muita força, fazendo com que a jarra de suco caia no chão. Há suco cor-de-rosa e cacos de vidro por toda a cozinha. Seu filho de 9 anos, Pedro, entrou na sala e ligou um som ensurdecido. Seu filho Antônio, de 18 meses, pegou um saco de algodão do armário do banheiro e está espalhando pela sala e rindo alegremente. Cecília tem vontade de chorar. Aproxima-se do bebê, aperta seu braço com força e grita com ele, que começa a chorar imediatamente. Ela fica ainda mais nervosa. Ela pede para Pedro abaixar o volume e como ele não ouve, ela aproxima-se e lhe dá um forte tapa na cabeça. Ele olha-a surpreso e com lágrimas nos olhos. Nesse momento, Cecília vê sua filha Mariana, de 4 anos de idade, debruçar-se na janela do seu apartamento que fica no 10º andar. Ela corre para a filha e consegue tirá-la de lá. Como já estava bastante estressada antes, não sabe o que fazer e também sente culpa por não ter olhado melhor para o que a filha estava fazendo, dá-lhe uma surra com muita força. Cecília grita para a filha que a surra vai servir para que ela lembre do momento de perigo e que, apesar de “doer mais em mim do que em você”, está fazendo isso para o “seu próprio bem, minha filha”. Mariana chora e grita, pois ficou muito machucada.

Vamos entender o que aconteceu? Cecília é uma mãe dedicada, mas acha que a punição física é um bom método para educar uma criança. Ela estava em uma situação de estresse, com raiva e sem saber como agir e, então, fez exatamente o que acredita: deu uma “boa” surra. Mas, dessa vez ela perdeu o controle e machucou muito sua filha. Muitos pais e mães, assim como Cecília, às vezes perdem a paciência com seus filhos. Mas, aqueles que sabem que o castigo corporal somente traz danos para a criança, encontram outras conseqüências para mostrar aos filhos que eles erraram; acham formas adequadas para mostrar o comportamento correto e maneiras de exercer o autocontrole. Aqueles pais que acreditam e utilizam os tapas e surras, têm chance maior de chegar ao descontrole, como aconteceu com a nossa personagem, e o tapa pode virar uma surra e a surra, espancamento.

Uma pesquisa que estou realizando junto ao SOS-Criança de Curitiba, assim como outras pesquisas sobre o tema, revela que a maioria absoluta da violência contra a criança em nosso país, acontece dentro de casa. A mãe aparece como a principal agressora, mas o pai quando maltrata, o faz com mais violência. Na maioria das vezes o agressor usa as mãos e/ou os pés na agressão contra a criança: bater na cabeça, chutar, beliscar, pisar, espancar, puxar os cabelos. Aqui inclui-se a “síndrome do bebê sacudido” – sacudidas violentas que levam à hemorragia intracraniana e intraocular, sem sinais externos de trauma da cabeça ou pescoço. Em segundo lugar, aparece o uso de algum objeto na parte superior e inferior do corpo – queimar a criança com cigarros, surrar com cinta, bater com varas.



ASSOCIAÇÃO ANTONIO E MARCOS CAVANIS

Sede: Rua Visconde do Rio Branco, 01 (0**42) 232 5226 - Cx. Postal 25 – 84165-470 CASTRO - PR
Home page: www.cavanis.org.br – E-mail: falecom@cavanis.org.br

Em seguida, aparecem “outros tipos de agressão”: jogar a criança na parede, morder, fornecer drogas. A maioria absoluta dos pais, quando perguntados sobre o motivo dos maus-tratos, alegaram que “estavam corrigindo o comportamento do seu filho”.

8 razões para você não bater em seus filhos:

1. Traz danos emocionais tantos para os pais quanto para a criança.
2. É o método menos eficaz de disciplina, não funciona a longo prazo e não ensina o que a criança deve fazer.
3. A criança aprende que bater é uma forma correta de agir e de expressar a sua raiva.
4. Abuso verbal, ou seja, xingar e gritar, geralmente estão associados com tapas e surras e humilham a criança e danificam sua auto-estima.
5. A criança aprende que “amor” está relacionado com “dor” , quando os pais insistem que “eu te surro porque eu gosto de você e quero seu bem”.
6. A criança aprende que o poder é sempre do mais forte e ela pode fazer isso com seus amigos quando não gostar do que eles fazem.
7. Pesquisas mostram que crianças que apanham com frequência podem tornar-se anti-sociais e apresentar dificuldades de aprendizagem.
8. Pesquisas mostram que crianças que receberam punições físicas, tem grande chance de serem adultos agressores.

As pessoas dizem que “um tapinha” não faz mal nenhum e que é bem diferente do espancamento. No entanto, é importante frisar que a palmada e o espancamento tem o mesmo princípio, isto é, usar a força e o poder para intimidar e punir uma pessoa (criança no caso). Os pais somente utilizam castigos físicos quando estão com raiva e descontrolados e não sabem o que fazer. Como o uso da punição fisi-



ASSOCIAÇÃO ANTONIO E MARCOS CAVANIS

Sede: Rua Visconde do Rio Branco, 01 (0**42) 232 5226 - Cx. Postal 25 – 84165-470 CASTRO - PR
Home page: www.cavanis.org.br – E-mail: falecom@cavanis.org.br

ca tem um efeito imediato, acaba reforçando a pessoa que bateu, que passa a utilizar a agressão física com mais frequência e mais intensidade! A única coisa que a criança aprende é fazer o que deseja longe da pessoa que bate e mentir para se esquivar dos tapas. Aliás, todo espancamento começa com palmadas... Devemos todos lembrar que a criança aprende na infância o comportamento violento e, portanto, seus pais devem ensinar-lhe outro modo de agir, com compreensão, tolerância, paciência, coerência e muito, muito amor. Como fazer? Continuaremos no próximo número. Aguarde!

Uma história contada pela escritora americana Astrid Lindgren ilustra de maneira afetiva a irracionalidade do castigo físico e de como ele é visto pelos olhos de uma criança. Certa vez, uma senhora contou que quando era jovem não acreditava no castigo físico como uma forma adequada de educar uma criança, apesar do pensamento comum da época incentivar o uso de um fino galho de árvore para corrigir a criança. Um dia, o seu filho de 5 anos fez alguma coisa que ela considerou muito errada e, pela primeira vez, sentiu que deveria dar-lhe um castigo físico. Ela disse para ele que fosse até o quintal de sua casa e encontrasse uma varinha de árvore e trouxesse para que ela pudesse aplicar-lhe a punição. O menino ficou um longo tempo fora de casa e quando voltou estava chorando e disse para a mãe: “Mãezinha, eu não consegui achar uma varinha, mas achei uma pedra que você pode jogar em mim”. Imediatamente a mãe entendeu como a situação é sentido do ponto de vista de uma criança: se minha mãe quer bater em mim, não faz diferença como e com o quê; ela pode até fazê-lo com uma pedra. A mãe pegou seu filho no colo e ambos choraram abraçados. Ela colocou aquela pedra em sua cozinha para lembrar sempre: nunca use violência.

[1] Weber, L. N. D. (2001). Eduque sem violência. Revista Elevação, 5, 38-41. São Paulo.